

A CAPA

ALICE

E O CHÁ ATRAVÉS DO ESPELHO

RAFAEL BQUEER

Belém - Pará, 1992

Tem formação pelo curso de Artes Visuais da UFPA. Trabalha com múltiplas plataformas, como fotografia, vídeo e performance. Em seu trabalho, Bqueer investiga o impacto do colonialismo e da globalização por meio de ícones da cultura de massa recontextualizando as complexidades sociais, raciais e políticas do Brasil.

A obra de Bqueer aborda a questão do racismo, trazendo suas experiências com os desfiles das escolas de samba, arte drag e a cultura de massa das periferias para questionar os símbolos eurocêntricos de poder, bem como a ausência de narrativas afro-brasileiras e LGBTQIA+ na arte-educação e em instituições de arte. Vive e trabalha entre Rio de Janeiro e São Paulo.

Participou de exposições nacionais e internacionais, destacando : “Against, Again: Art Under Attack in Brazil”- Nova York (2020) ; MAK Center, Los Angeles_ EUA (2017) e a individual “UóHol” no Museu de Arte do Rio (2020). Artista premiada na 8º Edição da Bolsa de fotografia da Revista ZUM – Instituto Moreira Salles (2020) e na 7º edição do Prêmio FOCO Art Rio(2019). Participou da 6º edição do Prêmio EDP nas Artes do Instituto Tomie Ohtake (2018) e da 30º edição do Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo- CCSP (2020).

ALICE é um trabalho sobre identidade periférica a partir de releituras de imagens hegemônicas que constroem o inconsciente coletivo. Alice vira o Brasil do avesso, é andarilha do fim do mundo, cria das desmaravilhas suas heterotopias combativas. Ser bicha preta no Brasil é desafiar as estatísticas do país que mais mata e agride pessoas LGBTQIA+ no mundo. Entendo o fazer artístico como um ato de liberdade e critica aos padrões binários de gênero e sexualidade, pensar o campo da arte a partir do meu contexto amazônico e seus atravessamentos globais.

Nesta série de foto-performance, busco, no primeiro momento, um diálogo direto com a narrativa daquele que considero um dos mais importantes artistas brasileiros do século XX: Joãozinho Trinta. Sua ousadia e senso crítico em vários momentos nos fizeram questionar os conceitos elitistas e racistas sobre a história oficial do Brasil e os estereótipos de *brasilidade*. João virava pelo avesso as falsas aparências de nosso país corrupto e desigual. Era um artista não-branco, nordestino e LGBTQIA+, que não limitou seu ativismo ao mundo do samba, mas conseguiu projeção nas grandes mídias da época, sempre com narrativas que exaltavam o Brasil popular e desafiavam poderosas instituições, incluindo a igreja católica. Sou diretamente influenciado pelas narrativas da *literatura fantástica* de João, conceito sobre o qual Milton Cunha disserta no livro *O Brasil é um Luxo, Trinta Carnavais de Joãozinho Trinta*: “Um fenômeno de caráter artístico, que ultrapassa os limites de uma poética previsível. Para alcançar os planos do bizarro e do extraordinário, Joãozinho se utiliza de alguns mecanismos: a existência do duplo, ou seja, quando dois personagens são o mesmo, ou quando um se desdobra em dois, ao olhar-se no espelho (em 1991, Alice no Brasil das Maravilhas)”

Em meu trabalho, Alice atravessa diversos cenários distópicos do Brasil, caminha do Rio de Janeiro ao Pará: o maravilhoso e a destruição andam juntos, coexistem. Reencontra o imaginário carnavalesco na imagem de Jorge Lafond ironicamente vestido de Alice no carnaval da Beija-flor (1991), como importante referência para pensar questionamentos sobre gênero, racismo e representatividade no campo da arte. A paisagem cercada pelo lixão em meio ao território amazônico cria um diálogo geracional com o trabalho *Sanitário Santuário*, da performer e artista paraense Lúcia Gomes. A personagem pergunta para o espectador: qual seu lugar no mundo contemporâneo e no imaginário de uma sociedade construída em cima de explorações, etnocídio e dos traumas coloniais?